

Homilia do 5º Domingo do Tempo Comum – Ano C

Queridos irmãos e irmãs, a liturgia deste 5º Domingo do Tempo Comum, leva-nos a refletir sobre a nossa vocação: somos todos chamados por Deus e d’Ele recebemos uma missão para o mundo, buscarmos continuamente a santidade em nós e em nossos irmãos. Muitas vezes temos uma compreensão relativamente inadequada e parcial sobre o significado da palavra “santidade”. Na maioria das vezes, pensamos que a santidade estaria ligada unicamente ao indivíduo que a busca. Nesse sentido, ela diria respeito restritivamente a uma pessoa. Todavia, os textos bíblicos nos sugerem que a santidade, ou o fato de ser santo, se manifesta principalmente na prática da justiça. Dessa forma, ser santo e/ou buscar a santidade não significaria tão somente aquilo que faço para Deus, mas também – e especialmente – aquilo que faço para os outros.

Em nossa 1ª leitura, encontramos o chamado e a vocação do profeta Isaias. De uma forma simples e questionadora, apresenta-se o modelo de um homem que é sensível aos apelos de Deus e que tem a coragem de aceitar ser enviado. Seu chamado a ser profeta do Altíssimo aconteceu numa liturgia no Templo de Jerusalém, quando se celebrava a realeza universal de Deus cantando o Salmo 99. O profeta posteriormente tenta no texto de hoje apresentar essa sua profunda experiência interior. Encontramos na experiência de vocação de Isaias vários passos: Em primeiro, Isaias deixa claro que a sua vocação é obra de Deus, o Majestoso e Santo, pois, sobressai sua visão do “santo, santo, santo” (Is 6,3). Visto que o Deus santo de Israel, infinitamente acima do mundo e distante da realidade pecadora em que os homens vivem mergulhados, julga com justiça e exige a prática da justiça, não há nada mais consequente do que exigir do seu povo a mesma prática. Em segundo, temos a objeção e a purificação. A objeção do profeta é um elemento típico dos relatos de vocação. Manifesta o sentimento de um homem que, chamado por Deus a uma missão, tem consciência dos seus limites e da sua indignidade, ou prefere continuar no seu cantinho cômodo, sem se comprometer. A “purificação” sugere que a indignidade e a limitação não são impeditivas para a missão: a eleição divina dá ao profeta autoridade, apesar dos seus limites bem humanos. Em terceiro, temos a aceitação da missão pelo profeta. Convém, a propósito, notar o seguinte: Isaias oferece-se sem saber ainda qual a

missão que lhe vai ser confiada; manifesta, dessa forma, a sua disponibilidade absoluta para o serviço de Deus. Temos, aqui, descrito o caminho da verdadeira vocação.

Em nosso Evangelho de hoje, Lucas apresenta um grupo de discípulos que partilharam a barca com Jesus, que souberam reconhecê-lo como seu Senhor. A preocupação de Lucas não é a crônica dos acontecimentos, sua preocupação é mais teológica do que histórica. Ele condensa aqui vários fatos e mistura sua preocupação fundamental de narrar a vocação de Pedro com a vocação de outros discípulos. Com a pesca milagrosa ele quer mostrar que a missão dos discípulos é um prolongamento da missão de Jesus. Apresenta também duas condições fundamentais para ser discípulo e missionário. Dar atenção especial à Palavra do Mestre e deixar tudo. Possivelmente, a orientação de Jesus para navegarem para águas mais profundas pareceu muito estranha aos ouvidos daqueles pescadores experientes. “Mestre, trabalhamos duramente a noite toda e não pescamos nada!” A reação de Simão é absolutamente natural: o que um carpinteiro poderia ensinar a um pescador? Será que Jesus não estava indo longe demais? Por que ele não se preocupava tão somente em ensinar a palavra de Deus? No entanto, sobrenatural é o que Simão diz logo a seguir: “Por causa das tuas palavras, jogarei as redes”. O que de fato importa é depositar a fé nas palavras de Jesus. E o que é a vocação de ser cristão? Ser cristão é, em primeiro lugar, estar com Jesus “no mesmo barco”. É desse barco (a comunidade cristã), que a Palavra de Jesus se dirige ao mundo, propondo a todos a libertação, (pôs-Se a ensinar, da barca, a multidão). Em segundo, escutar a proposta de Jesus, fazer o que Ele diz cumprir as suas indicações, lançar as redes ao mar. Às vezes, as propostas de Jesus podem parecer ilógicas, incoerentes, ridículas (e quantas vezes o parecem, face aos esquemas e valores do mundo); mas é preciso confiar incondicionalmente, entregar-se nas mãos d’Ele e cumprir à risca as suas indicações. A confiança de Pedro em lançar as redes. Em terceiro, reconhecer Jesus como “o Senhor”: é o que faz Pedro, ao perceber como a proposta de Jesus gera vida e fecundidade para todos. O título “Senhor” (em grego, “kyrios”) é o título que a comunidade cristã primitiva dá a Jesus ressuscitado, reconhecendo n’Ele o “Senhor” que preside ao mundo e à história. Em quarto, aceitar a missão que Jesus propõe: ser pescador de homens. Para entendermos o verdadeiro significado da expressão, temos de recordar o que

significava o “mar” no ideário judaico: era o lugar dos monstros, onde residiam os espíritos e as forças demoníacas que procuravam roubar a vida e a felicidade do homem. Dizer que os seus discípulos vão ser “pescadores de homens” significa que a missão do cristão é continuar a obra libertadora de Jesus em favor do homem, procurando libertar o homem de tudo aquilo que lhe rouba a vida e a felicidade. Trata-se de salvar o homem de morrer afogado no mar da opressão, do egoísmo, do sofrimento, do medo – forças demoníacas que impedem a felicidade do homem. Finalmente, deixar tudo e seguir Jesus. Esta alusão ao desprendimento do discípulo é típica de Lucas, expressa, desta forma, que a generosidade e o dom total devem ser sinais distintivos das comunidades daqueles que creem e seguem Jesus. Uma palavra, ainda, para o papel proeminente que Pedro aqui desempenha: a comunidade de Lucas é uma comunidade estruturada, que reconhece em Pedro o “porta-voz” de todos e o principal animador dessa comunidade de Jesus que navega nos mares da história.

Nossa segunda leitura propõe-nos uma reflexão sobre a ressurreição: trata-se de uma realidade que deve dar forma à vida do discípulo e levá-lo a enfrentar sem medo as forças da injustiça e da morte. Com a sua ação libertadora – que continua a ação de Jesus e que renova os homens e o mundo – o discípulo sabe que seu dever é dar testemunho da ressurreição de Cristo. Paulo, não é discípulo sozinho. É, antes, continuador de um caminho iniciado por muitos outros. Consciente de ser apenas mais um elo na grande corrente da fé, ele se apresenta como continuador do projeto de evangelização. Nota-se também a descrição do testemunho das aparições de Jesus a Pedro, aos doze apóstolos, a quinhentos irmãos, a Tiago, a todos os apóstolos e, finalmente, a Paulo. O caráter do testemunho é essencial na vida cristã. Todos são testemunhas do enorme impacto de Jesus na própria vida. Mais do que isso, cada uma dessas pessoas deve ser vista como um elo da mesma corrente. São testemunhas que assumem em seu próprio tempo uma responsabilidade. Possivelmente podemos dizer que elas têm consciência do que são. Ao olhar para essas testemunhas, os outros enxergam algo de diferente: nelas transborda a vida de Jesus. Somente o anúncio sobre Jesus, que morreu e ressuscitou, pode levar as pessoas a viver em novidade de vida.

Irmãos e irmãs, buscar a santidade é navegar como já falamos no mesmo barco de Jesus, é escutar sua Palavra e seguir seus passos. Sem medo de ser sermos verdadeiras testemunhas da fé. Se

acreditarmos e vivermos a fé em Jesus Ressuscitado, poderemos como os discípulos realizar maravilhas não somente em nossas vidas, mas, na vida de nossos irmãos e irmãs, e na vida da Igreja. Hoje a Igreja celebra a memória de Santa Escolástica, irmã de São Bento, que na vida do claustro buscou viver os ensinamentos do Senhor na humildade e no amor a Deus e aos irmãos, alcançando assim a santidade em Deus.

Que Maria Santíssima, aquela que se entregou por completo ao plano de Deus, nos ajude continuamente a buscarmos a santidade, sem medo, para que nos tornemos verdadeiros discípulos de seu Filho no lugar em que nos encontramos na Igreja.

ASSIM SEJA.



ABADIA DA
RESSURREIÇÃO